

---

## Depoimento

**João Baptista Borges Pereira**

---

**Edição electrónica**URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1432>

DOI: 10.4000/pontourbe.1432

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Edição impressa**

ISBN: 1981-3341

**Refêrencia eletrónica**

João Baptista Borges Pereira, « Depoimento », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 30 julho 2014, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1432> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1432

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

---

# Depoimento

João Baptista Borges Pereira

---

- 1 1953. Este foi o ano que registrou o começo da revoada de diplomados pelo atual Instituto de Educação Leônidas do Amaral Vieira, de Santa Cruz do Rio Pardo, cidade do Vale do Paranapanema, rumo a São Paulo. Cada qual saía em busca da realização de seus sonhos, de seus ideais. Deste grupo faziam parte José Carlos D'ávila Machado, que se aposentou como Diretor de Esportes da TV Tupi; Celso Novais Pinheiro, que, sempre transitando entre a literatura e a pintura, acabou se transformando em aluno dileto de Iberê Camargo; João Hebal Gonçalves Linno, que se consagrou no Rio de Janeiro como Diretor de Pesquisas de empresa norte-americana. Os demais ingressaram, como alunos, na USP. José Augusto Dias, José Mario Pires Azanha (Professor Emérito) e Jorge Nagle foram para a Faculdade de Educação. Os dois primeiros fizeram toda a sua trajetória acadêmica nessa Faculdade, enquanto Jorge Nagle entrou para os quadros da UNESP, onde chegaria ao alto status de Reitor. Para as Ciências Sociais vieram, pela data de chegada à USP, o autor deste depoimento, Theóphilo de Queiroz Junior e Renato da Silva Queiroz. Este grupo impressionou tanto o sociólogo Celso de Ruy Beiseguel, Professor Emérito da Faculdade de Educação, que ele o apelidou de “geração extraterrestre”. Segundo Beiseguel, seres extraterrestres haviam descido em Santa Cruz e lá teriam engravidado mulheres de cujos ventres saímos nós!

## Um extraterrestre na Antropologia

- 2 Quando cursava o ginásio, minha matéria predileta era História, influenciado pelas excelentes aulas da Profa. Edite Aranha - licenciada pela USP - que se aposentou como professora concursada do famoso Instituto de Educação Caetano de Campos, da capital. Sentia-me como futuro historiador até que, ao ingressar no curso normal, cruzei com Adalgisa Araújo de Castro Rangel, professora de Sociologia Geral e Educacional. Suas aulas sobre os clássicos da Sociologia e seus depoimentos sobre os cursos que realizara com os Profs. Fernando de Azevedo, Lourival Gomes Machado e Antonio Candido me cativaram. Fascinado pela Sociologia, deixei a História de lado e preparei-me para cursar Ciências Sociais na USP. Foi minha primeira traição acadêmica. Em 1954, cheguei à Maria Antonia

para prestar vestibular. Decepção. O diploma de professor primário somente me permitia ingressar em Pedagogia. Resignei-me. Fui aprovado, mas sequer me matriculei, pois cheguei à conclusão de que não era esse meu sonho tão sonhado. Voltei para minha cidade, meu lugar de refúgio. Um ano depois, recebi aviso de meu amigo Jorge Nagle, informando-me que o MEC havia franqueado aos professores primários vários cursos universitários, entre os quais o de Ciências Sociais. Retornei à capital cheio de esperança. Nova decepção. O Prof. Odilon Nogueira de Matos, historiador e secretário da Faculdade, que depois se tornaria meu grande amigo e colega, explicou-me pessoalmente que a Faculdade não estava autorizada a fazer tal inscrição. Acolhendo sua sugestão, entrei com mandato de segurança, fiz o vestibular, fui aprovado e matriculado após manifestação expressa do ministro Simões Filho, a quem recorri diretamente. Na banca examinadora estavam Lourival Gomes Machado e Antonio Candido, que as aulas de minha professora do curso normal acabara por transformar, para mim, em autênticos mitos. Finalmente, confessei-me, serei sociólogo. Essa convicção manteve-se até o dia em que, pela primeira vez, assisti a uma aula admirável de Antropologia, ministrada pelo Prof. Egon Schaden, sobre os pigmeus da África Equatorial, com destaque à protomorfia e às características culturais dessa população. Naquele momento senti que acabara de cometer minha segunda e última traição acadêmica: troquei a Sociologia pela Antropologia, à qual permaneci fiel por décadas e décadas até o dia de hoje, ainda que, quando necessário, flertando com o meu amor anterior. Isto ocorreu, por exemplo, quando ao passar para o 2º ano de Graduação prestei concurso e fui aprovado para ser professor de sociologia geral e educacional em colégios e escolas normais estaduais, ou quando recebi dois convites irresistíveis do Prof. Florestan Fernandes para compor equipe de pesquisas sociológicas. A primeira, que durou dois meses, era constituída por Fernando Henrique Cardoso, Ruth Cardoso, Octávio Ianni e eu. Tal pesquisa teve como palco o Rio Grande do Sul e como alvo a população negra de Porto Alegre.

- 3 A segunda investigação reuniu por quase dois meses, sob a liderança de Octávio Ianni e Duglas Teixeira Monteiro, Gabriel Bolaffi, Henrique Rattner, José Fábio Barbosa da Silva, hoje professor emérito da Universidade de Notre Dame, e o autor deste depoimento. O objetivo desta pesquisa era o de estudar sociologicamente a urbanização do norte novo do Estado do Paraná. Essas aproximações com a Sociologia e os sociólogos se deram em várias outras oportunidades: quando, por exemplo, no transcorrer de 1957, Perseu Abramo, Roberto Schwarz, Gabriel Bolaffi, Francisco Corrêa Weffort e eu aliciamos os colegas e fundamos o CEUPES, do qual fui aclamado o primeiro presidente; ou ainda quando juntamente com o Prof. Oliveiros Ferreira fiz parte da banca de concurso de Sociologia para ensino normal estadual; ou ainda quando mergulhei de cabeça na campanha em prol da escola pública liderada intelectualmente por Florestan Fernandes durante os anos pré-ditadura. Foram essas aproximações com a Sociologia que fecundaram temática e teoricamente minhas pesquisas de campo, das quais resultaram minhas teses, minha trajetória acadêmica, minhas publicações.

## Trajétória Acadêmica

- 4 Embora tenha sido aprovado em concurso para a cadeira de Sociologia da rede estadual, somente fui nomeado em final de 1958. O motivo? O governador Jânio Quadros estava punindo a Universidade de São Paulo porque, em nome da liberdade de cátedra, a justiça havia anulado pena imposta por ele a dois ilustres professores da Faculdade de Filosofia,

Fernando de Azevedo e João Cruz Costa. Para mim essa demora foi providencial, pois me permitiu concluir tranquilamente o curso.

- 5 Nos anos de 1957 e 1958 ganhou corpo entre alunos e professores ligados à sociologia, movimento político-ideológico de defesa da escola pública e laica, então fustigadas pelas escolas confessionais, notadamente católicas, que culminou com a lei 4024, de 20/12/1961, assinada pelo Presidente João Goulart. Sob a liderança do Prof. Florestan Fernandes, participamos de debates em todo o Estado de São Paulo. Esse clima político-ideológico deu origem a reflexões e pesquisas voltadas para a compreensão de múltiplos aspectos educacionais na sociedade brasileira. Além de textos críticos de Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni nasceram desse clima as teses de Luiz Pereira e Celso de Ruy Beiseguel, e meu mestrado na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, sob a orientação do Prof. Oracy Nogueira.
- 6 A preocupação central dessa pesquisa era compreender as resultantes do encontro entre uma escola propedêutica, com fundamentos nos ideais de classe média, e um bairro localizado na Zona Leste, extrema periferia de São Paulo, que fornecia a clientela da escola. Clientela empobrecida, migrantes de origem rural.
- 7 Eram fenômenos novos, desencadeados pela política educacional do governador Jânio Quadros de democratização quantitativa do então ginásio pelas regiões da capital e do interior do Estado, que historicamente ficavam à margem desse tipo de educação formal. Nesse estudo, baseado em esquema teórico de Antonio Candido, procurei harmonizar as metodologias sociológicas e antropológicas, priorizando nos domínios das técnicas quantitativas e qualitativas, a observação participante. O uso pleno dessa técnica só me foi possível porque fui encarregado de criar e dirigir por dois anos, à noite, o ginásio que foi objeto dessa pesquisa.
- 8 Examinando de outro ângulo, essa pesquisa, pensada a partir de uma admitida posição político-ideológica daquele instante histórico, interrompeu projeto sobre relações raciais que vinha elaborando ao longo dos anos, a partir da experiência como integrante do grupo de pesquisa do sul do país. Devo à saudosa Ruth Cardoso, que fora minha professora no 2º ano do curso, a primeira leitura desse projeto e as sugestões para desenvolvê-lo.
- 9 Foi durante o curso de mestrado que recebi convite do Prof. Schaden para ingressar na cadeira de Antropologia na condição de instrutor voluntário, como lá estavam Ruth Cardoso e Eunice Ribeiro Durham. Schaden estava aguardando que fosse atendido seu pedido de criação de 5 vagas para a cadeira. Assim, dizia-me o professor, ele poderia regularizar a situação de Ruth e de Eunice bem como contratar Amadeu Duarte Lanna (que estava em Marília), Roberto Cardoso de Oliveira (então no Museu Nacional) e a mim. Naquela época, a USP ainda não possuía a autonomia financeira que só ganhou no governo Quéricia. A instituição dependia da vontade e da lenta burocracia do Estado. Embora lisonjeado, declinei do convite, expondo ao Prof. Schaden os meus motivos: frequentava o curso de mestrado e dirigia a Editora Sociologia e Política, diariamente, das 09 às 17h30. Das 19h30 às 23h30, assumia a direção do ginásio. Ele compreendeu minhas razões.
- 10 Havia concluído minha pesquisa de mestrado, quando Duglas Teixeira Monteiro, sociólogo, vizinho, depois colega, procurou-me com uma sugestão: candidatar-me à cadeira de Antropologia da recém-criada Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Presidente Prudente, vaga com a volta do Prof. Padre Saake para a Alemanha. Acertei a sugestão de Duglas e, munido de carta de recomendação do Prof.

Egon Schaden, encontrei-me com o Diretor da Faculdade, o Prof. Joaquim Alfredo da Fonseca. Após a entrevista, o Prof. Fonseca me surpreendeu, exigindo carta de recomendação assinada por Florestan Fernandes que, embora estranhando o pedido, deu-me carta em nome da cadeira de Sociologia I, assinada por ele, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni.

- 11 Tempos depois, descobrimos o motivo de tal exigência. Como era praxe na época, os então chamados Institutos Isolados que, depois, reunidos, formaram a UNESP, tinham seus diretores nomeados pelo governo de Jânio Quadros. Afinal, fora esse governador que, ao estender o ensino ginásial e colegial pela periferia da capital e pelas pequenas cidades do Estado, interiorizara, também, o ensino superior.
- 12 Dentro dessa política, Jânio nomearia, entre outros, o Prof. Antonio Soares Amora, para o Instituto de Assis; o Prof. Dante Moreira Leite para o de Araraquara; o Prof. Paulo Sawaia para o de Rio Claro e o Prof. Eurípedes Simões de Paula para o de Marília. Todos nomes ligados à então FFCL, da USP. Ao criar a última instituição dessa série – Presidente Prudente – o citado conflito do governador com os professores Fernando de Azevedo e João Cruz Costa levou Jânio, em represália, a confiar a Diretoria da nova Faculdade a um professor da PUC reconhecidamente conservador, ligado à direita. Ele compôs o corpo somente com jovens professores da PUC. Essa fase histórica foi marcada pelas primeiras manifestações de movimentos políticos que levariam à confrontação entre a esquerda e a direita, que resultaria 2 anos depois no golpe militar. Procurando equilibrar-se nessa gangorra ainda indefinida, o diretor queria contratar docente indicado por um professor uspiano reconhecidamente ligado à esquerda. Confesso que só depois conseguimos decifrar esse “mistério”.
- 13 Em Presidente Prudente, inicialmente assumi por rodízio a chefia do Departamento de Geografia, ao qual se ligava a Cadeira de Antropologia. Um ano depois, o Prof. José Fernando Martins Bonilha e eu lutamos e conseguimos criar o curso de Ciências Sociais, já no governo Carvalho Pinto.
- 14 Em termos de pesquisa, minha intenção era concluir meu doutorado sob a orientação de Schaden, sobre comunicação de massa e relações raciais em São Paulo, investigação que se iniciara, quando ainda estudante de Graduação, sob orientação da Profa. Ruth Cardoso, inspirada nas experiências de campo com essa professora, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni, na região meridional do país. Deixei essa pesquisa em segundo plano, tocado pelo clima político-ideológico que envolvia a defesa da escola pública.
- 15 Ao chegar a Presidente Prudente o meu projeto era concluir o doutorado. Porém, ao assinar contrato, descobri uma cláusula que obrigava os professores a pesquisar temas nas áreas de influência da Faculdade. Descartei logo a proposta de iniciar pesquisa sobre relações raciais, pois a instituição localizava-se em área pós-pioneira, que não passou pelo período escravocrata, como ocorreu na Média Sorocabana, o que se traduzia na quase ausência da população negra naquelas bandas. Resolvi, então, deixar de lado provisoriamente o meu projeto de doutorado e iniciar nova pesquisa que atendesse às imposições contratuais. Lancei meu olhar antropológico sobre toda a área e descobri dois grupos de imigrantes a pedir estudos: o primeiro, alemão e luterano, reimigrado do sul do país para as vizinhanças de Maracá. O segundo, italiano e católico, imigrado após a segunda guerra mundial, sob os auspícios do plano Marshal, instaurando-se em núcleo às margens do Rio Paranapanema. Ouvi Schaden. Surpreendentemente, ele me sugeriu optar pelos italianos, utilizando a teoria da aculturação até então exaustivamente usada pelos etnólogos para entender e explicar as culturas indígenas. O único a usá-la, na sua versão

original, sistematizada por M. Herskovits, R. Linton e R. Redfield, foi o Prof. Emílio Willems ao estudar alemães do Brasil meridional. Aceitei o desafio, apoiando-me na revisão teórica feita por Siegel, Vogt, Waston e Broon, em 1954.

- 16 É de se registrar que nesse momento essa teoria estava sendo duramente criticada pelos estruturalistas e pelos marxistas. Os dois últimos estudos tendo essa teoria no plano principal foram a tese de cátedra de Schaden – aculturação indígena - e a que realizei como tese de livre docência sobre esses italianos. Diria, comparativamente, que se na primeira pesquisa sobre a escola fui levado por motivações ideológicas e políticas, nesta, sobre italianos em Pedrinhas, minha grande preocupação era com a teoria, isto é, propunha testar, até os seus últimos limites, o alcance dessa teoria em compreender e explicar um grupo étnico não indígena à procura de seu espaço na realidade rural brasileira.
- 17 Foi o desenvolvimento desse projeto que me levou, com o apoio da FAPESP, a pesquisar durante meses, na Italia, os *paese* de origem daqueles imigrantes. Reservava, porém, em meus constantes retornos à capital tempo para dar sequência a meu projeto de doutorado sobre os negros e o rádio em São Paulo.
- 18 Em síntese, tocava ao mesmo tempo duas pesquisas de campo em diferentes estágios de realização. Estava em Presidente Prudente havia dois anos quando recebi telefonema do Prof. Schaden, convidando-me para retornar à USP, pois havia obtido a verba pleiteada há anos. Seu argumento: todos os que saíram estavam de volta: Antonio Candido, de Assis; Amadeu Lanna, de Marília; Dante Moreira Leite, de Araraquara.
- 19 Não aceitei de pronto o convite. Uma semana depois, o Prof. Schaden bate à porta de minha casa lá em Presidente Prudente, prevenindo-me que esperava convencer minha esposa a me convencer a aceitar o seu convite. Confesso que fiquei emocionado: afinal, ele se dispôs a viajar 615 km de ônibus, sem me avisar, só com esse objetivo. Desta vez, não pude recusar. Schaden permaneceu hospedado três dias em minha casa. Nesse período fez uma conferência que reuniu perto de mil pessoas no salão nobre da Prefeitura Municipal da cidade. Antes de retornar à capital, “exigiu” comer uma peixada em Porto Epitácio, a 100 km de Presidente Prudente, às margens do Rio Paraná. Segundo Schaden, seria para comemorar o meu retorno à USP. Fomos Schaden, eu e Max Boudin, companheiro de Darcy Ribeiro no SPI. Durante todo o trajeto Schaden e Boudin só se falaram em guarani. Schaden com o guarani no litoral de São Paulo e Boudin com o guarani do Vale do Gurupi.
- 20 Meses depois, nos meados de 1963, passei a compor, juntamente com o Profa. Thekla Hartmann, o corpo docente da USP, então formado pelos professores Egon Schaden (catedrático contratado), Gioconda Mussolini (responsável pelo curso noturno), Ruth Cardoso, Eunice Ribeiro Durham e Amadeu Lanna. A esse grupo foram incorporados, dois anos depois, José Francisco Quirino dos Santos (transferido da Sociologia II), Hunaldo Beiker e Antonio Augusto Arantes Neto, ambos indicados a Schaden pela Profa. Gioconda Mussolini.

## A cadeira de Antropologia na década de 60 (século XX)

- 21 A Antropologia aparece oficialmente no curriculum, como disciplina, em 1941, tendo como regente o Prof. Emílio Willems, até então assistente do Prof. Fernando de Azevedo, na qualidade de responsável pelo ensino de sociologia educacional. Em 1949, após o Prof.

Willems transferir-se para a *Vanderbilt University*, assume a cadeira o Prof. Egon Schaden que conquista a cátedra em 1965 com a tese “Aculturação Indígena”. Em 1968, o Prof. Schaden aposentou-se e na condição de único livre-docente assumi a regência como catedrático contratado. Em 1969, quando o regime de cátedra é extinto e após concurso, assumo a função de professor associado e coordenador do grupo de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais. Em 1975, aprovado em concurso, transformo-me em Professor Titular desse Departamento.

- 22 É possível distinguir, a partir da produção intelectual e dos diversos docentes, as vertentes temáticas e teóricas que marcam o perfil da Antropologia dessa fase:
- 23 Estudos de grupos indígenas realizados por Egon Schaden, Amadeu Lanna, Thekla Hartmann e, posteriormente, por Renate Brigitte Viertler e Lux Vidal. Essa linhagem de estudos prosseguiu na década de 70 com os novos professores: Dominique Gallois, Aracy Lopes e Silvia Caiuby Novaes.
- 24 Estudos de comunidades litorâneas, com Gioconda Mussolini.
- 25 Estudos de migrações internas, com Eunice Ribeiro Durham.
- 26 Estudos de imigrações estrangeiras, com Eunice Ribeiro Durham (italianos), Ruth Cardoso (japoneses) e o autor desse texto (italianos do pós-guerra).
- 27 Estudos da presença sociocultural dos negros na vida brasileira, com o autor desse texto.
- 28 Esse painel permite perceber a grande ênfase da etnologia (estudos de grupos indígenas), menor preocupação com a Antropologia da vida rural ou rústica da sociedade brasileira e inexpressivo interesse pela Antropologia urbana, a não ser quando o tema maior conduzia o pesquisador a preocupar-se, residualmente, com o contexto ou situações urbanas.
- 29 A Antropologia urbana aparece inicialmente com manifestações do ramo que ficou reconhecido como Antropologia da pobreza. Hoje, graças a trabalhos e estímulos do Prof. José Guilherme Magnani, a Antropologia urbana ocupa espaço nobre na programação do ensino e da pesquisa no Departamento. É oportuno destacar que essa ênfase aos estudos etnológicos levou, à época do regime militar, à reação negativa dos alunos à Antropologia, acusada de ser uma disciplina alienada, não preocupada, como a Sociologia, com os problemas nacionais.
- 30 Essa atitude, que levou alunos a impedir antropólogos de ministrar suas aulas, só se alterou quando “descobriram” que os índios também eram vítimas do regime político. Como tal, o indígena transformou-se, juntamente com a Antropologia, em peça valiosa de resistência nesse discurso político-ideológico.

## A herança de Schaden

- 31 Ao assumir a Cadeira, recebi como herança, além de administrar docentes e curso, concluir a orientação de quatro doutorandos inscritos com Schaden: Sílvio Coelho dos Santos (UFSC), Júlio César Melatti (UnB), Thekla Hartmann e Renate Brigitte Viertler (ambas do Departamento de Antropologia). Na época, somente o responsável pela cadeira poderia orientar doutorado, situação que foi alterada com a substituição das cátedras pelos Departamentos.
- 32 O terceiro item dessa herança foi assumir a direção da Revista de Antropologia, fundada e mantida pelo Prof. Schaden desde 1951. Em 1969, Schaden doou a Revista ao Departamento com dupla exigência: a primeira, que a Revista mantivesse a mesma capa,

inspirada em periódicos alemães; a segunda, que cada número deveria ser iniciado com artigo sobre indígenas. O acordo assinado na Diretoria, com o endosso do então Diretor – Prof. Eurípedes Simões de Paula – foi cumprido durante os 10 anos em que dirigi a Revista. Depois, esse acordo foi rompido, unilateralmente, sem maiores explicações. Dar continuidade à Revista, exigia preliminarmente recuperar os endereços de todos os assinantes e permutadores em todo o mundo, estraçalhados durante a ocupação da Rua Maria Antonia. Com o apoio da FAPESP contratei uma profissional que, no prazo de um ano, recuperou a correspondência guardada por Schaden em sua residência. O que importa é que a *Revista de Antropologia* sobreviveu às dificuldades até os dias atuais e representa, nos seus 60 anos, patrimônio inestimável da Antropologia brasileira.

## A Pós-Graduação

- 33 A pós-graduação, que completa 40 anos, representou um instante crucial no roteiro da Antropologia da USP. Durante a reunião dos docentes para apreciar o modelo que a então área iria seguir, as professoras Eunice e Ruth comunicaram sua decisão de se transferirem para a área de Ciência Política. Várias versões surgiram sobre os motivos que levaram essas docentes a tal decisão. Todavia, tudo indica que tal atitude estava ligada à preocupação do Prof. Francisco Weffort, que após a cassação do Prof. Fernando Henrique Cardoso e da Profa. Paula Beiguelman assumira a coordenação da área, em recompor o corpo docente da Ciência Política via transferência de docentes de outras áreas. Assim, da Sociologia foram os Profs. Gabriel Cohn e Leôncio Martins Rodrigues. Na ocasião, recebi preciosos apoios: Ruy Coelho, Oracy Nogueira, Theófilo de Queiroz Júnior, Fernando Mourão e Hiroshi Saito (da ECA) se ofereceram para recompor o quadro docente titulado. Assim foi possível submeter o projeto à apreciação da CAPES.
- 34 Nesta oportunidade, nova dificuldade surgiu: o projeto previa modelo de pós-graduação tipo guarda-chuva, sem adjetivações, para auxiliar a Arqueologia a formar sua massa crítica e chegar ao ponto de excelência em que está hoje no Museu de Arqueologia e Etnologia. Um parecerista do Museu Nacional exigiu que o curso de pós, independentemente de seus objetivos, fosse rotulado de Antropologia Social. Aconselhado pelo Prof. Asis Simão, então Presidente da Comissão de Pós-Graduação da Faculdade, acolhemos a sugestão. Afinal, melhor Antropologia social do que nada. E assim, há muitos arqueólogos com título de doutor em Antropologia Social.
- 35 Na década de 1980, quando pela primeira vez fui eleito Diretor da Faculdade, consegui, com a intermediação do Prof. Asis Simão, o retorno da Profa. Eunice à Antropologia. Estava preocupado em deixar sem liderança uma geração talentosa de docentes ainda em fase de formação, composta de Renato Queiroz, Aracy Lopes, Lux Vidal, Carlos Serrano e Sílvia Caiuby Novaes. Eunice entendeu minha preocupação e retornou com sua inegável experiência e talento intelectual ao “velho ninho”, o que me tranquilizou.

## Pesquisas e trajetória acadêmica

- 36 Realizando balanço de pesquisas que realizei durante toda a minha trajetória acadêmica, chego à conclusão de que posso enquadrá-las dentro de quatro vertentes temáticas e teóricas. A primeira, como já explicitarei nesse texto, está ligada à educação sistemática na



periferia de São Paulo. Reflete um instante histórico de grandes debates políticos e ideológicos em torno do tema, que se estendia por toda a sociedade brasileira.

- 37 Desta pesquisa, resultou a dissertação de mestrado, transformada em livro publicado pela Pioneira (3 edições) sob o título de *A Escola Secundária numa Sociedade em Mudança*. Como o subtítulo diz, trata-se de um estudo em que Antropologia e Sociologia caminham juntas na problematização e explicação do tema. A segunda, que focaliza as relações raciais no contexto da comunicação de massa, em São Paulo, foi inspirada em sugestão de Roger Bastide sobre áreas não contempladas, até então, pela pesquisa sociológica. Esse estudo expressa um clima de reflexão sobre a situação da população negra e que ganhara ênfase com o famoso projeto da UNESCO, na década de 50, sob a liderança intelectual em São Paulo de R. Bastide, Florestan Fernandes e Oracy Nogueira. Tal interesse se prolongou até a década seguinte, com estudos no Brasil meridional realizados por Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni, dos quais saíam as teses de doutorado desses professores. Diria, para usar expressão de Kroeber, que esse era o tema da “moda”.
- 38 Dessa pesquisa resultou minha tese de doutorado, publicada com o título de *Cor, profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo* (1ª edição pela Pioneira; 2ª edição pela EDUSP). Na realização desse estudo, apoiei-me na Antropologia Social, graças aos cursos dos professores Antonio Candido e Ruy Coelho. Usei, também, a Antropologia cultural e as sugestões da chamada Escola Sociológica de São Paulo, que problematizava de forma pioneira as relações assimétricas de raça no Brasil. Com esse trabalho, “roubo” o tema da Sociologia e o insiro na agenda da Antropologia, inaugurando linhagem de estudos (mestrado e doutorado) em que o negro é examinado da perspectiva de uma Antropologia que não descarta as notáveis contribuições da Sociologia.
- 39 A terceira pesquisa tem como alvo imigração italiana do pós-guerra. O Brasil urbano das duas primeiras pesquisas cede lugar ao Brasil rural, nas barrancas do Rio Paranapanema. Nessa pesquisa, como já tive oportunidade de registrar neste texto, procurei colocar em primeiro plano certa experimentação teórica ligada à Antropologia cultural. Esse trabalho de campo, com o qual obtive a livre-docência, deu origem ao livro *Italianos no Mundo Rural Paulista*, publicado pela Pioneira (1ª edição) e pela EDUSP (2ª edição).
- 40 O tema da imigração italiana voltou à minha agenda de trabalho quando recebi convite da Parmalat para escrever o livro – *Siamo tutti oriundi*, prefaciado por Jorge Amado. Nesse ensaio, baseado em fontes bibliográficas e entrevistas, focalizo as contribuições de italianos e seus descendentes a partir de Américo Vespúcio, em várias instâncias da sociedade brasileira, indo da cultura popular às manifestações eruditas (cinema, teatro literatura, arquitetura, música e artes plásticas), passando pela cultura de mídia.
- 41 Ainda dentro da temática migração, interessei-me em realizar pesquisa em Portugal dentro de projeto de Pós-Doutoramento na Universidade de Coimbra, com bolsa da FAPESP. Isto em 1980. Meu objetivo era analisar a “nova” migração portuguesa que se desenvolvia nos limites do continente europeu transpirenaico. Essa pesquisa, além de me familiarizar com o mundo rural de norte a sul de Portugal, levou-me até a França e a Alemanha. Nesses países, os portugueses eram rotulados depreciativa e preconceituosamente de *bâtiment* e *gastarbeiter*. Os rótulos descarnavam o imigrante de seus atributos humano-sociais e o colocavam simplesmente como mão de obra. Essa pesquisa permitiu-me, além de estudar novos arranjos familiares e o status da mulher nesses arranjos, a oportunidade de captar manifestações ainda muito fortes e presentes da Revolução dos Cravos. Ao concluir meu trabalho de pós-doutorado e a pedido do

Reitor, trouxe para o Brasil a incumbência de indicar e convencer um sociólogo brasileiro a ajudar aquela universidade a montar seu curso de Ciências Sociais. Convencido, o Prof. Ruy Coelho transferiu-se para Coimbra, de lá retornando ao Brasil por motivo de doença. Em reconhecimento pelo meu trabalho recebi do Primeiro Ministro Mário Soares a comenda na Ordem do Infante Dom Henrique. Após esse trabalho em Portugal, participei de outros dois projetos relacionados à imigração: o primeiro, a convite da UNESCO, focalizava os diferentes grupos que compunham na atualidade a diversidade étnica brasileira. O segundo, patrocinado pela Universidade Sofia, do Japão, abrangia toda a América Latina, da Argentina ao México, passando pelo Brasil e foi composto por pesquisadores japoneses e latino-americanos. A Profa. Ellen F. Woortman (UnB) e eu ficamos encarregados da equipe brasileira que envolvia, preferencialmente, alunos de Graduação. O objetivo dessa pesquisa era traçar a imagem contemporânea do Japão em tais países. Antes dos resultados serem publicados no Japão, os pesquisadores líderes reuniram-se em Bogotá para, em seminário, discutirem os resultados da investigação.

- 42 Textos resultantes desse conjunto de pesquisas, excetuando a da educação, foram publicados no Brasil e no exterior (Inglaterra, EUA, Itália, Portugal, França, Canadá, Uruguai e Japão).
- 43 Após o término de meu segundo mandato como Diretor da Faculdade, aposentei-me na USP, permanecendo, porém, durante dez anos como Presidente da Comissão Permanente de Políticas Públicas para a População Negra, composta de sete docentes e diretamente ligada ao Gabinete da Reitoria. Essa comissão foi extinta pela atual gestão sem maiores explicações.
- 44 Tão logo me aposentei, fui contratado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie como professor de Pós-Graduação no Curso de Mestrado em Ciências da Religião. Nesse curso desenvolvo projeto que tem como tema as religiões universais etnicizadas e se apoia nas teorias identitárias. Esse projeto permite compreender como grupos migratórios se manifestam na diáspora brasileira a um só tempo com expressão de religiosidade e de etnia. Nesse projeto já foram concluídas vinte e três dissertações que geraram livros, artigos e comunicações em congressos.
- 45 Atualmente, estou escrevendo livro sobre a ocupação do sertão do Paranapanema na transição dos séculos XIX-XX e a formação de um segmento rural “senhorial” que antecipou a chegada àquela área de sofisticados fazendeiros de café conforme relata o Prof. Pierre Monbeig em seu estudo clássico sobre o pioneirismo daquelas paragens de terras roxas. Esse livro está ainda em elaboração, mas já foi batizado – *Desbravadores de terras virgens*. Nele, relato os resultados de pesquisas que tenho realizado, sem pressa, com certo preciosismo e muito entusiasmo há pelo menos 40 anos. Ao idealizá-lo e escrevê-lo, fica-me a profunda convicção de que finalmente consegui reconciliar, nas minhas interpretações de uma realidade rural que me é tão próxima, meus três grandes amores intelectuais: a História, a Sociologia e, principalmente, a Antropologia.